

# **A VARIAÇÃO NA POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM RELAÇÃO AO VERBO EM REDAÇÕES ESCOLARES: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA**

MARIA DA CONCEIÇÃO HÉLIO SILVA  
(UNEB-UFPB)

## **1 - Introdução**

Para o estudo da colocação dos pronomes oblíquos em textos escritos, realizamos uma experiência preliminar sobre o tema, como forma de testar a viabilidade dessa pesquisa. Apresentamos aqui o resultado dessa experiência, antecedido de um um breve resumo de estudos sobre o tema e de considerações teóricas a respeito da sociolinguística laboviana, na qual se respalda este trabalho.

Em descrição da colocação dos clíticos em textos orais, Lobo (1992) demonstrou que, na maioria dos contextos sintáticos considerados, retirados de inquéritos formais do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil - projeto NURC, a posição dos clíticos é variável, com preferência pela posição pré-verbal, concluindo pela variação estável na colocação desses pronomes.

Outros estudos apontam o clítico acusativo em extinção no português brasileiro, de acordo com Tarallo (1983), cujos usuários estariam valendo-se de estratégias de evitação do uso desses pronomes. Afirma-se ainda que a ênclise está desaparecendo e essa tendência dominante na modalidade falada já estaria influenciando o padrão escrito do português do Brasil .

Essas conclusões a respeito do uso dos clíticos no texto oral, suscitaram a verificação desses pronomes no texto escrito, no sentido de descrever a sua colocação em textos escolares e jornalísticos da cidade de Juazeiro da Bahia, relacionando essa questão sintática com fatores sociais e lingüísticos.

## **2- Os clíticos pronominais no português contemporâneo do Brasil**

Os clíticos pronominais têm sido objeto de estudos de muitos lingüistas brasileiros, tanto na perspectiva diacrônica quanto sincrônica. Desde Mattoso Câmara, em 1957, os clíticos pronominais vêm merecendo atenção dos lingüistas, que apontam a variação nesse sistema pronominal, conforme estudos recentes na linguagem oral.

O português falado considerado culto vem sendo amplamente estudado, através do levantamento das formas dos clíticos utilizadas nesse padrão, trabalho realizado por Castilho e Basílio (1996) ou descrevendo a colocação em sincronias distintas como fez Lobo (1992) ou indicando-se as formas que vêm substituindo, com freqüência, o clítico acusativo, de acordo com Duarte (1989), chegando-se a apontar esse pronome como forma em extinção no Brasil, conclusão a que chegou Tarallo (1983). De acordo com Monteiro (1991), a ordem dos clíticos funciona como um divisor das variantes do português brasileiro e do português europeu.

Outras pesquisas indicam que os pronomes clíticos objetos de terceira pessoa (o, a, os, as) vêm sendo substituídos pelo pronome lexical, pelo sintagma nominal lexical, ou pela categoria vazia na linguagem padrão, como afirma Duarte (1983). Assim, a uma pergunta do tipo *Você viu o livro?* quatro respostas seriam possíveis: *Eu vi ele*; *eu vi o livro*; *eu vi*; *eu o vi*, sendo esta última apontada como forma em extinção no português padrão falado do Brasil. Em conseqüência, o objeto nulo passa a ser a forma preferida.

Alguns estudos revelam que a aquisição dos clíticos na fala se dá através da escola, entre a 5ª e 6ª séries, crescendo o seu uso à medida que sobe a escolaridade. Já na escrita, esses pronomes aparecem entre a 3ª e 4ª séries (9,3%) atingindo 85,7% na escrita de universitário, de acordo com dados coletados em São Paulo por Corrêa (1991).

## **3 - Considerações teóricas**

A sociolingüística quantitativa compreende a língua como um sistema heterogêneo e variável no tempo e no espaço, passível de ser descrito, analisado e sistematizado e sua atenção está voltada para a investigação da heterogeneidade lingüística, correlacionando aspectos dos sistemas lingüísticos e aspectos dos sistemas sociais, considerando a teoria da variação lingüística desenvolvida por William Labov, iniciador desse modelo teórico metodológico. Atuando entre a língua e a sociedade, a sociolingüística focaliza os empregos concretos da língua, enfatiza a heterogeneidade dialetal, tomando como objeto de estudo a variação e a mudança lingüística, princípio universal, inerente às línguas.

As contribuições da sociolingüística no Brasil têm sido conduzidas no sentido de uma reformulação das gramáticas pedagógicas e, conseqüentemente, de um ensino da língua que considere o português do Brasil, questionando o

ensino histórico-literário das escolas e a concepção de língua como um todo homogêneo e imutável, entretanto a escola não considera os resultados desses estudos nem a heterogeneidade dialetal.

Diversos projetos lingüísticos no Brasil, a exemplo dos Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), Programa de Estudo do Uso da Língua (PEUL), Projeto Variação Lingüística do Sul do País (VARSUL), Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB) e outros de igual importância e interesse têm desenvolvido pesquisas a respeito do uso oral da língua e dentre os objetivos desses projetos está o de contribuir para a reformulação do ensino da língua portuguesa no Brasil, ajustando-o a uma realidade lingüística concreta, às diferenças lingüísticas e culturais do país, sem a imposição de uma só norma histórico-literária, evitando sobrecarregar o ensino com fatos lingüísticos em desuso (Mota, Rollemberg, 1991).

A distância que existe entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve aprender, nos faz entender porque os alunos escrevem como escrevem, fugindo às normas da gramática padrão, nos conduzindo para a compreensão do poema "Aula de Português", no seu último verso "O português são dois: o outro, mistério" (Andrade, 1988). O distanciamento entre a fala do aluno e o padrão escolar revela uma oposição entre a língua idealizada das gramáticas pedagógicas e o vernáculo das falas correntes do professor e do aluno provenientes das classes populares, caracterizando-se em uma diglossia de acordo com Kato (1984). Essa aparente contradição é resultante de uma prática comum nas sociedades ocidentais com longa tradição escrita, pautada nos gramáticos alexandrinos, cujo modelo lingüístico a ser ensinado era a norma histórico-literária, prestigiada e tida como estável. Ainda hoje, o ensino da língua portuguesa no Brasil busca esse mesmo objetivo, inspirando-se na norma padrão do português lusitano, sobretudo no uso dos clíticos, e afastando-se do padrão brasileiro. Nessa visão, o papel da escola é ensinar a falar, ler e escrever "corretamente," tomando a língua como um todo homogêneo e uniforme, ignorando o saber lingüístico que o aluno leva para a escola. Parte-se, portanto, da suposição de que o aluno não sabe a sua língua e que à escola cabe ensiná-la.

Para repensar essa perspectiva de ensino da língua é fundamental compreender as histórias da língua portuguesa no Brasil, como forma de perceber o que a distancia do português europeu, pautando-se em uma norma padrão real, cientificamente estabelecida. É nessa perspectiva que pretendemos desenvolver esta pesquisa e para isso, serão tomados os pressupostos teóricos metodológicos da sociolingüística quantitativa instituída por William Labov (1972) que possibilita a interação entre fatores lingüísticos e fatores sociais e é um modelo em que a língua é vista como estrutura heterogênea e ordenada .

#### 4 - Experimentando o tema

Em dados retirados de oito redações de estudantes da 2ª série do ensino médio e de oito artigos de jornal local assinados, realizamos este experimento, para observar a colocação dos clíticos nesses textos, relacionando a **posição dos clíticos em relação ao verbo apenas** com os fatores **tipo de texto e sexo**. Vejamos alguns exemplos:

(RE) ... Que na vida tudo **se** ganha e tudo perde-se... J.R.S (M)

(TJ) (1)... não há que **se** espantar... (2)... considero que insere-se...

(3) ... para que mantenha-se a região nordestina no atraso... P.A (M)

Há aqui uma oscilação a respeito da colocação do clítico **se**, em exemplos retirados de redação escolar e de textos jornalísticos: de acordo com as regras da gramática tradicional, a conjunção **que** é um dos atratores do clítico, exigindo a próclise, ou colocação pré-verbal.

**Quadro I**

POSIÇÃO DOS CLÍTICOS		SEXO		TIPO DE TEXTO
		M	F	
<i>PRÉ-VERBAL</i>	SE	1	1	Redações escolares 2ª série ensino médio Escola Pública
	ME	1	-	
<i>PÓS-VERBAL</i>	SE	3	-	

O que se pode concluir, de acordo com o Quadro I, é que apesar do número limitado de textos, o sexo masculino usou mais os clíticos nas redações, com preferência pela colocação pós-verbal, enquanto que o feminino preferiu não usar clíticos nas redações, o que poderia estar indicando que o sexo feminino é o provável responsável pelo uso de estratégias de evitação dos clíticos nos textos escolares.

Quadro II

POSIÇÃO DOS CLÍTICOS		SEXO		TIPO DE TEXTO
		M	F	
<i>PRÉ-VERBAL</i>	NOS	1	5	Artigos de Jornal
	ME	2	-	
	SE	12	3	
	O(-LO)	-	2	
	OS	1	-	
	AS	-	1	
	TE	-	2	
<i>PÓS-VERBAL</i>	NOS	6	1	
	ME	2	1	
	SE	8	6	
	A(-LA)	-	1	
	AS(-LAS)	-	1	

O Quadro II revela que o sexo masculino usa mais os clíticos nos textos jornalísticos e as mulheres, embora utilizem menos clíticos que os homens nesse tipo de texto, quando o fazem, preferem a colocação pré-verbal. A preferência do uso do *se* por ambos os sexos suscita um estudo posterior desse clítico.

Quadro III

POSIÇÃO DO CLÍTICO EM RELAÇÃO AO VERBO	TIPO DE TEXTO			
	R E		J	
	M	F	M	F
<i>PRÉ-VERBAL</i>	1	1	16	13
<i>PÓS-VERBAL</i>	3	-	16	10

O Quadro III sumaria essas observações, confirmando a incidência de clíticos em Textos jornalísticos e revela que, em ambos os textos, Redações Escolares e Textos Jornalísticos, o sexo feminino utiliza menos o clítico no texto escrito.

### 5- Conclusões parciais

Embora os dados sejam insuficientes para uma conclusão a respeito da colocação dos clíticos no texto escrito, na região de Juazeiro da Bahia, o que será possível após a finalização da pesquisa, podemos perceber que no texto escrito, considerando o **tipo de texto**, apareceram mais clíticos nos textos jornalísticos.

Quanto ao **fator sexo** os homens utilizaram mais os clíticos do que as mulheres, igualando-se ao que ocorre na fala, onde, segundo os estudos, os homens empregam mais esses pronomes. Ainda assim, a preferência de ambos os sexos é pela colocação pré-verbal do clítico, posição que já é consagrada no uso oral, como característica marcante do português do Brasil.

Quanto ao **fator tipo de texto**, observamos que aparecem bem menos clíticos nos textos escolares, com variação na posição desses pronomes. Nos textos jornalísticos constatamos o uso intenso de clíticos, com predominância nos textos escritos pelos homens.

Este experimento, mesmo tendo utilizado uma amostra mínima, nos apontou uma questão que merece ser aprofundada, tomando-se como base os textos escritos escolares, que representam a norma subjetiva, e textos jornalísticos, representando a norma real.

Dada a diminuição do uso de clítico na fala e mesmo na escrita de pessoas escolarizadas e na escrita de estudantes do 2º grau, segmento que inova a linguagem, é de se esperar uma tendência semelhante nas redações, o que não configuraria "erro" do aluno, mas uma sintonia com o que é o padrão lingüístico brasileiro hoje .

### Referências bibliográficas

- ANDRADE Carlos Drumond de. (1988). *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- CÂMARA J R., J. Mattoso. (1972). Ele como um acusativo no português do Brasil. In: *Dispersos*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas p.47-53.
- \_\_\_\_\_(1972). Erros escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. In: *Dispersos*. Rio: Getúlio Vargas. p. 35-56.
- CASTILHO, Ataliba de e BASÍLIO, Margarida. (1996). *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP/UNICAMP.v. IV
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1983). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org.) *Fotografias sociolingüísticas* (1983). Campinas: Pontes Editora da UNICAMP. p. 19-33.

## A POSIÇÃO DOS CLÍTICOS EM RELAÇÃO AO VERBO EM REDAÇÕES ESCOLARES

- HORA, Dermeval da (1997). (org.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia.
- KATO, Mary; ROBERTS, I. (1994). (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Editora UNICAMP.
- LAROV, William. (1972). *Sociolingüistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LOBO, Tânia (1996). O problema da colocação dos clíticos: Variação estável ou mudança em curso? In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.) *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA. p.215-224.
- \_\_\_\_\_. (1992). *A colocação dos clíticos em português: duas síncronias em confronto*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MONTEIRO, José Lemos (1994). *Pronomes pessoais: Subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (1991). O projeto de estudos na norma lingüística urbana culta no Brasil: Antecedentes a Desenvolvimento em Salvador. *Estudos*, Salvador, n° 11, p.9
- NURC - Projeto Lingüístico da Norma Urbana Culta
- PERINI, Mário (1998). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.
- PEUL- Programa de Estudo do Uso da Língua.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática.
- VALPB - Projeto de Variação Lingüística do Estado da Paraíba.
- VARSUL - Projeto Variação Lingüística do Sul do País.